

**Você deu a eles o projeto de montagem da peça?**

Não. Vendi a eles as fotografias e a peça.

**Mas você destruiu o objeto, você não entregou.**

Exato, assim que podem fazê-lo outra vez.

**E o que eles disseram?**

Eles disseram que sim.

**Pagaram por nada...**

As peças já não são materiais, e quem sabe um dia...

Isto é algo que também acontece na psicanálise: o pagar por nada.

Sim, mas há uma lei para fazer isso. Eles são obrigados a fazer isso. Vou fazer esta peça no Centro Pompidou: são os donos da nova obra, mas têm que me pedir autorização para poder expor a peça. Ela pertence a eles, mas não há nenhum material. Não há relíquia. Apenas há conhecimento.

**Você vende o conhecimento, não o objeto.**

Sim, mas acredito que às vezes você pode comprar um objeto quando, na verdade, o que você realmente compra é o conhecimento.

**Você acha então que existe um certo fetichismo no mundo da arte? Encontramos relíquias em todos os lugares...**

Acredito que existam diferentes mundos da arte. Por exemplo, vou ao Japão com muita frequência e há um lindo templo xintoísta que tem seiscentos anos, mas é destruído a cada vinte anos.

**Sim, estive lá, em Ise. É incrível.**

É exatamente o mesmo. É muito antigo e, ao mesmo tempo, muito novo. E o que importa é que tem muita gente que sabe como fazê-lo: isso é o conhecimento.

**Porque eles reconstruíram o templo com métodos tradicionais. É o conhecimento, você tem razão.**

Por exemplo, para os judeus, se você tem seis judeus em algum lugar, já é o suficiente, você não precisa construir uma catedral ou um templo. Você só precisa ter seis judeus que conheçam a história. E eu acho que é por isso que os judeus nunca desapareceram.

**Apesar de que os templos foram destruídos.**

Exato, não precisa de um templo.

**Tem razão, o que importa é a história.**

Calibán -  
RLP, 19(1-2),  
239-247  
2021

»

# O fracasso e sua beleza

Uma conversa sobre cinema e psicanálise com Arnaud Desplechin\*



Arnaud Desplechin é um tipo carismático, um cineasta *cult* francês que sabe – em questão de minutos – entusiasmar e criar proximidade com seu interlocutor. Ou, ao menos, foi isto que me aconteceu quando o encontrei em Paris em uma manhã de primavera dois anos atrás.

Cheguei em seu apartamento onde conversamos em meio a uma deliciosa desordem doméstica, em uma língua que não era a minha e não era a dele e que, apesar disso, conseguia captar nas entrelinhas, de uma maneira lúdica e espontânea, nada estranha a um diálogo analítico, algo do “espírito” do inconsciente.

Quando decidimos nosso encontro, em um intercâmbio de e-mails, ele me disse que o assunto psicanalítico – que conhece de primeira mão, como um analisante apaixonado – era ainda obscuro e complexo para ele, um verdadeiro labirinto no qual poderia perder-se. E terminava seu e-mail nomeando tanto seu medo cênico como sua paixão pela causa freudiana, assemelhada talvez a sua verdadeira causa, a do cinema.

Não há de ser causal – ao escutar não só o que diz, mas o modo como o diz – que psicanálise e cinema, duas experiências que nasceram contemporâneas e parecem estar sempre em risco de extinção, estejam tão presentes e unidas tanto em sua entrevista como em seus filmes.

Mariano Horenstein

\* \* Entrevista realizada por Mariano Horenstein em Paris em 6 de abril de 2019.

### Você tem um vínculo, uma intimidade com a psicanálise.

Meu primeiro vínculo com a psicanálise foi através dos livros. Meu pai não pôde estudar depois do ensino médio. Teve que trabalhar desde muito jovem e foi um grande pesar para ele, uma ferida, não ser um acadêmico. Então meu irmão e minha irmã se tornaram acadêmicos por isso. Eu fui o único na minha família que não quis ser acadêmico. Eu queria ser igual ao meu pai, então o que fiz foi ir para a escola de cinema, onde não aprendi nada mais do que colocar uma lâmpada, carregar uma câmera, gravar sons.

Tinha um apetite por criar coisas. Quando cheguei a Paris, com dezessete anos, pensei: “Ok, essa vai ser a minha vida. Jamais serei um acadêmico. Está bem”. Pensei: “Ok, farei coisas estúpidas, as coisas que amo fazer, então tenho que ler livros para, se estou na faculdade de cinema, obter conhecimento”. Li no jornal: “Jacques Lacan é o homem mais inteligente da França”, assim que comprei seus seminários. Não entendi uma única palavra. Levei dois anos para chegar ao final do livro, o primeiro deles. Havia aprendido algo, mas não sabia o que era que havia aprendido. Os estudos lacanianos foram parte do pacote da crítica cinematográfica. Foi meu primeiro vislumbre da psicanálise.

Comecei a ler Freud e descobri a um novelista incrivelmente poderoso, um escritor maravilhoso. O que me encanta é o fato de que o livro não é apenas a história de cada um dos casos, mas também a história do narrador. E é aí que eu estava equivocado, porque me dei conta disso: havia crise, o narrador estava ele mesmo em crise, ele estava pondo em cena o fato de que ele estava em busca da verdade e que, às vezes, ele tomava um caminho equivocado, e algumas vezes, outra maneira que era melhor, etc. Esse tipo de crise do narrador dentro da narrativa é exatamente o que adoro em uma novela. Não conseguia parar de pensar sobre os vínculos entre cinema e psicanálise. Parecia-me que tinham algo em comum. Comecei a forjar minha própria teoria sobre a relação entre cinema e psicanálise. O início foi simplesmente como um garoto bobo de dezessete anos que pensou: “Tudo bem, vou ler algo verdadeiramente difícil, como uma espécie de desafio estúpido”.

### E qual é a sua própria teoria?

Primeiro e principal, é um ponto de vista histórico. O nascimento do cinema é contemporâneo ao nascimento da psicanálise. O movimento entre os velhos tempos e a Modernidade, tem algo... algo que aparece, e é a quebra de continuidade. Pode-se imaginar que exista uma continuidade entre o século XVI e o século XIX, e no final do século XIX há uma ruptura, que é o nascimento da Modernidade, e a Modernidade chegou na arte, no cinema e... tem algo novo, que é a psicanálise, então eu fiquei impactado com o fato de acontecerem ao mesmo tempo.

O segundo ponto é que me parecia que a psicanálise não pode ser reduzida a uma ciência, mas sempre há uma tentativa de torná-la ciência. Um bom psicanalista é um analista que está sempre tentando se tornar um cientista, dizer algo que estará absolutamente fundado, polido, estabelecido, lógico, aceitando, abarcando a complexidade da alma humana, **então é estabelecer algo que é uma ciência, mas nunca será inteiramente, e essa é sua beleza, a da psicanálise.** E o que me encanta no cinema é que não é uma arte. O cinema é simplesmente a tentativa de se tornar uma forma artística. Mesmo que você saiba que o que você está fazendo nada mais é do que *shows*, você tenta tomar este material e transformá-lo em arte, **e nessa tentativa de converter-se em uma ciência ou transformar-se em arte, creio que surge uma irmandade entre a prática da psicanálise e a prática cinematográfica.**

### Uma irmandade no fracasso. Ambas disciplinas falharam na tentativa de tornar-se uma ciência ou uma arte...

Eu não acho que tenham falhado. Acho que a ciência hoje em dia seria muito pobre sem a psicanálise. Os cientistas necessitam da psicanálise para esclarecê-los, necessitam ter o sentimento deste objeto tão estranho que está constantemente tentando se tornar uma ciência e que está constantemente aceitando que não terá sucesso porque está lidando com seres humanos. Há certa beleza no fato de não estar tendo sucesso absoluto, mas que está sempre tentando, porque você não pode ser um analista sério se não der ao seu paciente essa tentativa, de alcançar o ponto no qual sua arte se converta em uma ciência. E minha prática de fazer cinema será arte, então sempre que estou começando um filme, às vezes tenho que me lembrar do fato de que não sou um artista. Sempre devo lembrar que o que estou fazendo não é nobre. Como posso dizer que é nobre se vem da arte popular? É por esta razão que amo cinema, porque é simples. Você pega um quadrinho, tenta transformá-lo em imagens, efeitos e tenta surpreender o público. É muito humilde, não é nobre, como a pintura. Vamos, Truffaut fez filmes antes de você, Bergman fez filmes antes de você, então é uma arte. Você tem que tentar... Isso é o que me fascina. Essa seria uma irmandade entre a prática da psicanálise e a prática do cinema. E a terceira é sobre sonhos.

### Que estão muito presentes nos seus filmes...

Sim, mas é isso... Se eu penso... Se estou pensando em Bazin, o crítico de cinema mais famoso da França, ou se estou pensando em Panofsky, os dois homens que estavam escrevendo que a ferramenta principal para um cineasta é a realidade. Essa é a ferramenta sólida que você tem. Pode ver isso nos filmes do Lumière. Você coloca sua câmera lá, você tem alguém atuando, ou um cachorro correndo ou uma árvore, isso é real e essa é a sua ferramenta. Essa é a razão pela qual não é narrativo, porque suas ferramentas são porções da realidade. Quando você sonha, é incrivelmente real e não é a realidade, e fala... Há uma ilusão que se desvanece, que se esfuma, devido à psicanálise ou ao cinema. De fato, essa realidade é aborrecida. Na minha vida diária, acho que o que eu experimento é muito comum e pobre... Acho que isto é a realidade. Isso é o que os adultos nos disseram: “Vamos, a vida é suja”. Depois do trabalho e depois da escola... Você tem que pensar nessa estrutura. Sua vida é suja, simples, básica. Não é fascinante. E o que aconteceu, eu volto novamente, sempre volto aos filmes do Lumière, você filma um trem fumegante entrando na estação da cidade, você..., a realidade e é mágico. É incrível e começa a significar, obviamente, a significar alguma coisa. E você não sabe o que isso significa. Quando eu me levanto cada manhã, é um pesadelo terrível sobre *la femme*... Sonhos chatos como os que tenho todas as noites e que significam coisas que não consigo entender. O que Freud descobriu ... Antes de Freud, todo o mundo pensava que havia algo oculto nos sonhos, sabiam que os sonhos nos falam, mas o que estão dizendo? Assim, estavam tratando de encontrar algum dicionário estúpido. Se tenho um sonho com um cavalo, é boa saúde. Se estou sonhando com um chapéu, é azar. Se sonho com uma lâmpada, é dinheiro. Esse tipo de coisa. E de repente Freud disse: “Não, essas imagens que parecem tão reais são na verdade palavras e, se você colocá-las na ordem certa, terá uma frase. Há uma criança dentro de você que está falando. Se você ouvir com atenção, poderá ouvir a frase que está em seu corpo, mesmo que não saiba que é parte de sua própria voz. Você tem outra voz falando... em seus sonhos”.

Essa é a mesma experiência que temos com imagens em filmes, as imagens reais e simples podem ser muito expressivas. Mas você pode ver que assim que a realidade

nesse caráter de ferramenta para o cinema é..., começa a significar, começa a brilhar... E você fala: "Nossa! Na realidade isto é incrível!". Não é tudo o que os adultos me disseram. A realidade é incrível e depois de ir ao cinema para me lembrar do fato de que a vida, mesmo a vida cotidiana, é um fracasso absoluto. Então, eu entro em um cinema para me lembrar de que existe algo que é profundo, uma verdade profunda: essa realidade é fascinante..., carregada de significados diversos que simplesmente estão ali. E é isso que faço quando dirijo filmes. E você percebe que tudo significa muitas coisas, e isso tudo está falando ao mesmo tempo, essa vida diária não está em silêncio, há um ruído maravilhoso, que está por toda parte na imagem, e você tem que conseguir captar tudo para poder organizar, reparar, conhecer e aceitar o fato de que existem... E me parece que quando você precisa ir a uma sessão com um psicanalista, é para ter sua vida de volta, porque, no dia a dia, com todo o mundo adulto que está, constantemente, te dizendo que você tem que ir à escola, que você tem que ir para o seu trabalho, você tem que ir com o seu parceiro, ter filhos, etc., etc., sua vida não é nada. Sua experiência é absolutamente comum e banal, e então você tem uma sessão que em sua maior parte é chata e, de repente, uma palavra aparece: uma palavra estranha. "Por que você escolheu essa palavra?" E de repente há pequenas faíscas e elas começam a brilhar, a resplandecer. **Você pode se reapropriar da sua vida por meio da sessão. É por isso que você vai para a análise. Essa é a razão pela qual faço filmes, para me reapropriar da minha própria vida.** E é por isso que encontro outra irmandade entre a psicanálise e o cinema.

#### **E você já teve a experiência de ter sido analisado?**

Sim... posso dizer porque você é estrangeiro. Negaria se estivesse falando com um francês. Sim, já passei por este tipo de processo, mas já tarde na minha vida. Em algum momento, antes de fazer filmes, já trabalhava com a indústria do cinema. Tive um tempo normal de escritura... sei lá, não podia sair, não podia caminhar pela rua, sentia que todas as portas estavam fechadas para mim e fiquei tão aborrecido que pensei: "Porque não vou ao terapeuta?". Porque na verdade o sofrimento que eu estava experimentando era real, então eles não podiam me ajudar. Esperava saber se teria dinheiro para o meu filme ou não, etc., por isso estava deprimido. Se vou a um terapeuta, o que ele me dirá? "Você pode apenas rezar para ter o dinheiro e isto é tudo". E uma noite eu produzi um sonho estranho, e neste sonho não era minha voz, e percebi que eu era muito mais complicado dentro de mim do que pensava. Percebi que não era o próprio rei de mim mesmo, que não era eu, mas sim, era, então pensei: "Oh, há dores em meu próprio corpo que não posso compreender".

#### **Uma espécie de alteridade falou em seu sonho.**

Sim, outra pessoa. Preciso estar na frente de outra pessoa para poder começar a ouvir as outras vozes, onde antes eu estava surdo acerca destas próprias vozes. Pude perceber que havia uma pequena criança machucada dentro de mim que eu havia ignorado por muito tempo. E eu estava com tanta dor que realmente não conseguia continuar vivendo. Eu estava bloqueado em tantos níveis... Então conheci meu psicanalista, que ajudou a mim e a outro e mais outro. Levei um tempo para descobrir... Eu tinha esquecido tudo sobre os livros que havia lido. Não me importava. Eu só precisava de ajuda. E depois disso tive a sorte de conhecer a... Tive uma relação bastante terrível com um terapeuta. Me ajudou durante um tempo, mas, depois a relação não funcionou e me deram um nome e me tratei com uma psicanalista francesa muito reconhecida. Ela me salvou. Ela me iluminou... E ela morreu, o que foi uma experiência muito estranha.

#### **Enquanto você fazia análise com ela?**

Sim. Ela era muito velha quando a conheci. Não foi minha primeira analista, mas foi minha primeira experiência psicanalítica séria.

#### **Você teve duas experiências.**

Três ou quatro.

#### **Você é um especialista.**

Sim, um especialista. Mas quando a conheci, li sobre essa experiência de perder seu analista, o que é muito estranho... Acho que **a experiência de perder um paciente deve ser muito significativa, muito poderosa, aterradora, mas perder seu analista é uma rachadura, uma vertigem absoluta.** Demorou... Hoje posso falar sobre isso com você, já se passaram dez anos. Foi um grande luto, mas se eu comparar aquele luto com a sorte que tive em conhecer a esta mulher...

Depois disso tive outro analista para poder me recuperar daquela dor, para ficar de luto. Ainda não sou capaz de chorar por aquela mulher sozinho, a perda foi muito grande para mim. Desculpe ser tão íntimo, mas ainda não sou capaz de lidar com essa perda sozinho. Se estou pensando nisso, fico desesperado, mas se estou conversando com outra pessoa... acho que talvez o mesmo... o processo psicanalítico acabou para mim com a perda dessa mulher, mas ainda assim preciso de alguma ajuda para conseguir recuperar o que quero, ler de novo, aceitar e lidar com isso.

Então, o trabalho principal está feito, mas tenho algumas preocupações pequenas aqui e ali.

#### **E você trabalhava na indústria cinematográfica, mas começou a fazer filmes por conta própria após sua primeira análise? É verdade?**

Oh, antes da minha primeira análise, eu era um homem jovem muito doente. Não estava em análise. Eu não conseguia falar, não conseguia andar... Era uma estátua. Eu não estava bem de saúde e isso era tudo. Não era capaz de me expressar. Eu estava em... como posso dizer? - psicoterapia em vez de psicanálise. Foi a primeira ajuda que pude conseguir.

#### **Primeiros socorros...**

Sim, primeiros socorros! Mas não era um processo psicanalítico. O processo psicanalítico começou mais tarde, depois do meu quarto filme, e há algo muito poderoso quando você inicia uma relação assim.

Hoje em dia me sinto mais confiante, mais vivo, consigo falar sobre isso sem chorar. Ela me ensinou a viver, a amar, a ser, a ter problemas, a ter soluções. Ela apenas me ajudou. É brincadeira. Amo as piadas dos psicanalistas, mas também amo piadas de pacientes sobre os analistas, são muito engraçadas. Tenho um amigo que fez diversas psicanálises ao longo da vida. Começou quando tinha treze. Agora ele está na casa dos sessenta e ainda vai ver psicanalistas. E ele brincava quando o conheci, ele é gerente de produção, um homem maravilhoso. O produtor é quem encontra o dinheiro e o gerente de produção é quem o gasta (risos). E tem uma brincadeira que adoro. Cada vez que ele voltava de uma sessão, ia a três ou quatro sessões semanais, dizia: "Sinto como se não tivesse verdadeiramente começado a psicanálise". E eu amo essas brincadeiras. Ele ficou 15 anos com o mesmo analista e tinha a sensação

de que não tinha começado nada, de que você fala essas bobagens que significam... E há também essa sensação que você pode ter quando está na sala de espera de seu psicanalista, quando pode ver que seu analista decorou a sala, comprou novos quadros, novas plantas, novas luminárias, tinta fresca nas paredes: "Eu fico feliz em ver que todo o meu dinheiro está aqui". É uma brincadeira adorável e é um sentimento que todos experimentamos. "Estamos progredindo. Ok. Temos uma nova poltrona. Bem!". É uma sensação tão curiosa... Eu pertencço, e não gostamos nada de ver que pertencemos à comunidade de... como Lacan os chamava .... Você entende francês? Eu pertencço aos ignorantes e adoro isso, como quando sou um espectador que vai ver um filme. Eu amo ser criança. Eu sou apenas uma criança boba, sem conhecimento de nenhum tipo, assistindo ao filme. Pertencço aos ignorantes, como te disse. É engraçado, porque eu te disse que quando era jovem não queria me tornar um acadêmico, que queria ser como meu pai, e isso era tudo.

**Graças a Deus vc não se transformou em um! Porque você brinca constantemente... O que há de ficção e a maneira como a realidade se torna ficção e a ficção se torna realidade?**

Não sei onde começa a ficção. (Silêncio). Vou começar com o filme que estou terminando agora e o filme que gostaria de escrever depois disso...

**Qual é o nome do filme que você está gravando agora?**

Eu já tenho um título em francês. O título francês é *Roubaix, une lumière*, e o título americano é *Oh, mercy*, como o álbum do Bob Dylan. Tudo é baseado em fatos reais. Não existe ficção de qualquer tipo. É um documentário que vi onze anos atrás e adorei, refiz com atores e não atores. É a vida de uma delegacia de polícia em Roubaix, minha cidade natal, que é uma cidade muito pobre e, de certa forma, é uma representação da condição feminina para uma instituição. Mas todos os diálogos provêm da realidade, tudo é real. Então, todos os policiais são interpretados pelos policiais de Roubaix, todos os garotos maus são interpretados pelos garotos maus de Roubaix, a maioria argelinos. Você tem estrelas de cinema interpretando alguns papéis e pessoas comuns desempenhando outros papéis. A ficção não está em lugar nenhum. E agora mesmo estou trabalhando na música e, obviamente, é ficção por todos os lados. Eu não inventei coisas. Tem a ver com a afirmação que eu estava explicando para você: O que é uma ciência? O que não é uma ciência? As pessoas, a maioria dos meus personagens... é sobre duas mulheres que cometem um assassinato e a questão não é por que o fizeram, é por causa da miséria. Não é: "Elas fizeram isso?" Sim, fizeram. É *como* elas fizeram. Pegar essas duas mulheres que cometeram um ato muito desumano e trazê-las de volta à humanidade, esse é todo o processo do filme. Na vida real, sem psicanálise, sem cinema. Pode-se dizer que são duas personagens, duas mulheres completamente presas à determinação sociológica. A sociologia sempre foi considerada uma ciência. E é isso que amo na psicanálise, porque ela está contra a sociologia, que é minha grande inimiga. A ideia de aprisionar um ser humano dentro de uma determinação sociológica. Acredito que cada um de nós é muito mais do que isso. Somos muito mais que as determinações sociológicas, que sim existem. Claro que existem, mas somos muito mais do que isso. E essa é a moral que estou tentando filmar. É por isso que o filme é uma ficção. É uma ficção, o que quer dizer que conta mais verdade do que o documentário, porque vou tentar encontrar a alma, porque existem duas assassinas, elas tinham alma. Esse seria um dos paradoxos da relação entre a ficção e a vida real. Estou terminando esse filme, que é muito singular na minha carreira. Espero usar uma representação de gente, gente muito abatida, muito pobre, e comeci a tirar fragmentos e pedaços da minha

própria vida onde não tenho soluções, sofrimento íntimo, existe também algum material autobiográfico, tentar finais felizes quando eu não encontrava felicidade em minha própria vida. E pensei que o cinema é a ferramenta perfeita para fazer isso, reapropriar-me de minha própria vida de uma maneira melhor, para tentar repará-la. E agora eu tenho que tentar encontrar a história para que eu possa compartilhar com o público, com pessoas que têm suas próprias preocupações, suas próprias histórias pessoais... Portanto, gostaria de apresentar um material extremamente autobiográfico e tentar reparar na ficção o que não pode ser reparado na vida real. Uma das razões pelas quais adoro assistir filmes é que há tantas coisas que não podemos reparar. Hoje em dia, se você pensar em política... Todo o mundo é um desastre, um desastre absoluto. Estamos em uma situação desesperadora, mas na ficção você pode repará-la. E ao fazer isso, podemos ver como os finais felizes bobos que tem nos filmes de Hollywood dos anos 1940 diziam a verdade. Transformar sentimentos como a amargura ou a rivalidade em algo engraçado está totalmente de acordo em relação ao mundo. Penso em finais de filmes, o que eu penso em finais felizes de Hollywood. Seria o fim de *Some Like It Hot*<sup>1</sup>: Está lá Jack Lemmon, vestido como uma mulher, com um milionário em um barco e o milionário quer se casar com ele e diz: "Na verdade, eu fumo na cama". E ele diz: "Sem problemas"! E Jack Lemmon diz: "Ok, não posso ter filhos". "Não tem problema, vamos adotar". Então Lemmon tira a peruca e diz: "Mas eu não sou uma mulher". "Ninguém é perfeito". (Risos) É bobo, mas é verdade. Existe algum milagre que é a ficção, talvez seja algo que não tenha muita utilidade, mas te ensina alguma coisa, então eu gostaria de tomar algo do meu próprio material autobiográfico, que é uma espécie de final a transformar...

**Se você tivesse que comparar, de alguma forma, o trabalho que você faz em sua própria análise com o trabalho que você faz como diretor, você acha que é mais próximo da parte da escrita, da filmagem ou da edição?**

Não gostaria de falar do *trabalho* que estou fazendo nas minhas sessões porque sou muito mais patético do que isso. Simplesmente estou tentando de salvar meu traseiro. Eu me queixo e tenho vergonha de me queixar, paro de me queixar e imploro e não dou respostas porque não há respostas que se possam esperar. Eu sou patético e estou bem com isso. Agora, poderia comparar com a filmagem. Porque eu chego com um material comum, e à medida que chego ao *set* todas as manhãs, digo: "Quem escreveu essas malditas linhas?". Não são engraçadas o suficiente, não são fortes o suficiente, são chatas. Depois, os atores começam a atuar e (estala os dedos) algo acontece e você pode ouvir um significado, algo que não está escrito, que não é previsível... Eu ouço algo e de repente digo: "Essa é a razão pela qual ele diz isso!" Eu percebo o que está acontecendo e posso comparar com o momento em que chego a minha sessão e digo: "Ok. Estou esperando. Não tenho nada para dizer e estou esperando a resposta do Festival de Cannes ou de Veneza, e devastado. Tenho um distanciamento terrível com meu produtor". Ponto. Então, algo novo. E de repente, em um cantinho, algo do que estou dizendo, algo vai acontecer na relação com o analista, uma faísca de sentido.

1. N. da E.: Filme de Billy Wilder, com Jack Lemmon, Tony Curtis e Marilyn Monroe, que em português se chamou *Quanto mais quente, melhor*.

## Fazer filmes como um modo de reparar a vida

### Haroun Farocki nos convidou a desconfiar de imagens.

#### Quanto a gente deve confiar nelas?

Todas as imagens que pretendem realizar nossos desejos raramente mentem. Toda imagem que seja promessa de outra imagem está dizendo uma verdade. Nossa tarefa é decifrá-las.

### Há algo do que podemos chamar de “verdadeiro” que permanece refratário no campo das imagens?

Lendo André Bazin, eu confio profundamente que a imagem fotográfica é uma impressão, uma marca, uma prova de que algo aconteceu um dia. E este “algo” era real. Bazin costumava dizer que o Santo Sudário foi o primeiro ancestral do cinema. O fascinante é que este sudário era falso. Não obstante, havia uma marca tão real quanto a dos cascos de um cervo na neve. A marca da nossa crença... Pensando sobre esses ancestrais do cinema, eu gostaria de acrescentar as chamadas *mãos negativas* nas cavernas primitivas: a memória de uma mão de quarenta mil anos simplesmente traçada com pigmento vermelho.

### E quanto ao som? Qual é o lugar do que se ouve no cinema?

Pra mim, a imagem é hipnótica. Seu poder de fascinação é infinito. Um som reforça maravilhosamente a potência ao “real”. Se você olhar uma foto da Marilyn Monroe, é uma foto da Marilyn Monroe, que existiu. Mas se você escutar uma gravação da voz dela, é só a voz da Marilyn Monroe. E eu desato a chorar.

### Em psicanálise, como você sabe, o que é ouvido prevalece. Então, vozes, sons – e seus efeitos, como você aponta – estão em foco principal..., como um filme que vemos mal, mas escutamos muito bem. O que você acha deste tipo de narrativa, com efeitos tão “reais”?

Sim, o som é a pura realidade, a pura presença. A imagem é a memória dessa amada presença.

### Seu percurso, pelo que você me conta – e como quase tudo na vida – tem suas raízes na infância...

Ontem eu visitei minha velha mãe no interior. Durante nossas longas vidas, tivemos uma relação muito difícil. Mas ontem eu recuperei vivamente uma lembrança: eu tinha seis anos e olhava minha mãe no apartamento dos meus avós, um domingo. E algo me incomodava. Então, me aproximei dela para arrumar seu colar. e voltei pra minha cadeira. Foi meu primeiro gesto como diretor: compor a imagem de uma mãe que não conseguia gostar de mim. Mas eu consegui apresentá-la na sua melhor versão.

### Então seu trabalho parte de uma necessidade de “arrumar” algo que te incomoda no outro? Se você me permite este tipo de interpretação selvagem... ainda que, talvez, não o seja tanto em função do que você dizia...

Interpretação aceita! Pra mim, fazer filmes me permite “compor” a vida.

### Como se constrói um *certain regard*, o teu?

Meu *regard* se constrói em um sistema infinito de referências e exegeses. Sou aluno de Panofsky!

### Descreva pra nós o que você aprendeu de Panofsky, por favor: já que apenas ouvimos alguma coisa sobre seus ensinamentos...

O que eu aprendi de Panofsky é que a imagem tem sempre uma genealogia, uma explicação. Eu não gosto da crítica que admira a beleza de uma pintura ou de um filme sem tentar entender de onde ela vem. Eu acredito no processo interminável de entender onde e por quê. Por que é tão bonita? Detesto ser demasiado abstrato, vou dar só um exemplo. Em *L'argent de poche (Na idade da inocência)* de Truffaut, no fim do filme, uma criança tem que fazer um exame médico na escola. E o médico faz um raio X daquela pobre e estranha criança. E o médico descobre ferimentos ocultos: a criança era uma criança espancada. Por que isso é simplesmente genial? Porque o raio X é a metáfora do cinema. Foi gravado, foi filmado, então é verdade. E a criança pode ser salva. Eu acho que minha interpretação vem de Panofsky.

### O que permanece do infantil hoje na sua prática como cineasta?

Eu te disse como, quando eu era criança, eu olhava meus pais ouvirem programas sobre os novos filmes na rádio francesa. E eu ficava impressionado como o mundo adulto podia parar por uma hora pra discutir seriamente sobre filmes. Filmes me pertenciam, eu conhecia o assunto – eles sempre vão pertencer às crianças. Filmes eram meus brinquedos, e os adultos os interpretavam e respeitavam... Minha tarefa atual é construir imagens infantis que possam nutrir discussões sem fim.

### Então você viu uma cena em que seus pais estavam escutando. Você tomou como visual algo da dimensão do som...

Exatamente!

### Poderíamos ensaiar um elogio à “imaturidade” quando se trata de produzir arte?

Com certeza! Se eu sou maduro? Não tenho ideia. Mas quando eu construo um filme, eu tenho sete anos de idade.

### A pandemia deslocou tudo, até a experiência ritual de se ir ao cinema. No entanto, o cinema resiste. Como você imagina que as coisas irão mudar quando tudo isso estiver acabado?

Todos sabemos que a TV é a inimiga da experiência teatral do cinema. Sabemos disso há muitas décadas! Lembro da frase do Godard: quando você olha para a tela da TV, você abaixa a cabeça. Quando você olha para a tela do cinema, você a levanta. Com o passar dos anos, haverá cada vez menos público no cinema – isto é um fato econômico. Mas o ritual vai continuar, graças a algo tão precioso que foi inventado em 1895. Uma nova caverna, onde podemos ver as sombras, sonhos, onde podemos ser parte de um público. E este é um outro fato: a verdade da arte.

### Você consegue imaginar um mundo sem essas duas práticas centenárias, o cinema e a psicanálise?

Eu fico aterrorizado quando eu vejo, hoje em dia, a fúria, a amargura, o crescente obscurantismo, o que é sempre sinônimo de ódio à psicanálise. Um homem, Freud, descobriu um modo de habitar nossos sonhos enquanto estamos acordados. **Um homem, Freud, descobriu um modo de construirmos a nós mesmos, em vez de se acreditar loucamente em um eu. Nunca deixamos de nos inventar.** E esta é uma boa definição da liberdade. Estou assustado com o apetite por identidades, eu quero escapar de toda identidade. Não posso me imaginar privado de apetite de liberdade, de sonhos.